

SAMORA MACHEL

UNIDADE
ANTI-IMPERIALISTA
É A BASE DO
NÃO-ALINHAMENTO

12

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL

**UNIDADE
ANTI-IMPERIALISTA
É A BASE DO
NÃO-ALINHAMENTO**

12

colecção

"PALAVRAS de ORDEM"

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

PREFÁCIO

O presente discurso foi proferido por Sua Excelência o Presidente Samora Moisés Machel em 4 de Setembro de 1979, na Conferência de Chefes de Estado e de Governo do Movimento dos Países Não-Alinhados, realizada em Havana.

Na sua intervenção, o dirigente máximo da Revolução moçambicana analisou, de forma profunda e incisiva, o conteúdo do não-alinhamento numa situação mundial caracterizada pela confrontação aguda entre o imperialismo e as forças da libertação nacional e do socialismo.

Perante as tentativas, de alguns países membros, de esvaziar o Movimento de qualquer conteúdo político concreto, e remetê-lo para uma atitude de «neutralidade», o Presidente Samora Machel reafirmou, de forma clara e inequívoca, que o não-alinhamento, para nós, só pode significar alinhamento contra o imperialismo, contra o colonialismo e o neocolonialismo, o racismo, o «apartheid», a ordem económica mundial profundamente injusta em que vivemos.

Salientou assim o papel importante que o Movimento dos Não-Alinhados pode e deve desempenhar no combate contra todas as formas de dependência dos países em desenvolvimento em relação às potências imperialistas.

O discurso do Presidente Samora Machel, agora editado em brochura, constitui um importante documento de estudo para a compreensão correcta da nossa política internacional, da nossa situação no Mundo, da nossa tarefa perante a comunidade das nações.

Sua Excelência
Fidel Castro Ruz
Presidente do Conselho de Estado da República
de Cuba

Suas Excelências
Chefes de Estado e de Governo dos Países
Não-Alinhados

Suas Excelências
Presidentes dos Movimentos de Libertação Nacional

Excelências,
Minhas Senhoras e meus Senhores

Senhor Presidente

A Vossas Excelências transmitimos a mensagem de amizade, solidariedade e respeito do Povo Moçambicano para cada um dos vossos Povos, aqui dignamente representados pelos dirigentes do Movimento dos Não-Alinhados. Endereçamos uma saudação muito particular ao Povo Cubano, ao seu Governo, ao Partido Comunista Cubano e ao Presidente Fidel Castro Ruz.

Reunimo-nos no território livre da América. Reunimo-nos no território em que o imperialismo foi derrotado, onde agressões e manobras, ameaças e bloqueios não puderam impedir um Povo de se libertar, de desenvolver e consolidar a revolução.

Reunimo-nos aqui porque a revolução socialista criou condições para tornar Cuba a trincheira firme da luta anti-imperialista na América Latina, a força de vanguarda na promoção consequente dos verdadeiros ideais do Não-Alinhamento.

O Povo Cubano, descendente daqueles que, com grilhetas, atravessaram o Oceano, testemunha hoje que as grilhetas podem ser quebradas e os Povos podem libertar-se da miséria e do subdesenvolvimento. Podem edificar a ordem popular que corresponde aos interesses das massas trabalhadoras.

Fidel Castro Ruz, nosso amigo e camarada, Presidente do Conselho de Estado da República de Cuba, sintetiza as virtudes e o valor do internacionalismo cubano. Nele encontramos o combatente intransigente contra o imperialismo, o dirigente prestigiado pela vitória, o militante modesto e profundamente humano, o defensor determinado e consequente da unidade, solidariedade entre os Povos e ajuda mútua entre todos nós. Felicitamos a sua eleição unânime para a presidência do Movimento dos Países Não-Alinhados. A sua direcção é para nós garantia da defesa dos nossos princípios, do progresso da nossa causa.

Saudamos igualmente Sua Excelência Julius Richard Jayewardene, eminente dirigente da República Democrática Socialista do Sri Lanka. Sob a sua direcção e orientação, nestes 3 últimos anos preservámos a nossa unidade e consolidámos a nossa força, face às inúmeras manobras do nosso inimigo permanente, tendentes a dividir o nosso Movimento.

Excelências,

Saudamos esta Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados.

Saudamos o crescimento da nossa força, saudamos a unidade contra o colonialismo e tirania,

saudamos a determinação no combate contra o racismo, contra o «apartheid» e o sionismo, saudamos o engajamento na luta dos nossos Países e Povos pela libertação, económica, social e cultural.

Vemos hoje alargadas as nossas fileiras.

Estão connosco, já como membros plenos, a SWAPO da Namíbia, a Frente Patriótica do Zimbábue, representantes legítimos e autênticos dos seus Povos. Estão connosco porque o Movimento de Libertação e nós constituímos um todo único. Os Países Não-Alinhados são um movimento de libertação global da Humanidade. É justo pois, que aqueles que de armas na mão oferecem as suas vidas por estes ideais participem como membros plenos no nosso Movimento.

O nosso alargamento constata-se ainda pelo triunfo das ideias de liberdade e democracia no nosso seio. Somos uma frente larga onde existe toda a gama de opções políticas.

Todavia algumas dessas opções contrariam profundamente e traem os ideais mais legítimos dos povos, algumas dessas opções opõem-se frontalmente à razão de ser dos sacrifícios consentidos pelos nossos Povos. Por essa razão a luta dos povos, a sua determinação, têm purificado as nossas fileiras das cargas impuras que permaneciam nelas, desvirtuando o nosso combate. O derrubamento de regimes tirânicos, sanguinários, a emergência de sistemas democráticos voltados para o progresso e bem-estar dos povos, o triunfo de forças que prezam a paz e o respeito dos nossos princípios, fortalecem os Países Não-Alinhados, tornam a nossa força moral e política mais homogénea, mais coerente, mais eficaz.

É da purificação das fileiras que ganhamos novas forças e alargamos a frente vasta que já somos. É da purificação de fileiras e alargamento da frente do progresso que avança irreversivelmente a His-

tória. É assim que a nossa família se torna cada vez mais numerosa, mais forte e mais unida.

Saudamos calorosamente a adesão de novos países à nossa causa. Saudamos a adesão da Frente Patriótica, do Irão, do Paquistão, do Granada da Bolívia, da Nicarágua. Saudamos também outros países, a Costa Rica, Dominicana, Santa Lúcia e as Filipinas, que fazem crescer as nossas fileiras tornando-se observadores. No Irão, na Nicarágua, no Uganda, no Kampuchea, na Guiné Equatorial, em Granada, a luta popular apoiada pela solidariedade internacional, nomeadamente dos países limítrofes pôs termo a regimes despóticos, anti-humanos, belicistas e expansionistas. A solidariedade internacional e o apoio prestado a estas lutas corresponde aos ideais dos Países do Movimento dos Não-Alinhados.

Apoiar os povos a derrubar a tirania, apoiar os povos a deter a acção criminosa de regimes expansionistas e belicistas não constitui intervenção ou ingerência nos assuntos internos. É um dever de todos os Países Não-Alinhados que, por definição deve fortalecer e valorizar a causa da democracia e da paz. Este tipo de apoio é a nossa solidariedade preconizada pelo Não-Alinhamento. É passar das palavras aos factos. Por isso, saudamos o apoio fraternal que conduziu ao derrube das ditaduras sinistras de Somoza na Nicarágua, de Idi Amin no Uganda e de Pol Pot no Kampuchea.

A queda do regime do Irão atingiu profundamente um dos mais importantes cúmplices do sistema do racismo, do «apartheid», do sionismo. A queda dos regimes de Idi Amin e Pol Pot libertou os Povos do Uganda e do Kampuchea e pôs termo a acções armadas desencadeadas por estas sinistras ditaduras contra membros do Movimento dos Países Não-Alinhados. As vitórias de Manágua e Malabo destruíram oligarquias familiares que faziam de países sua propriedade pessoal e de povos seus

escravos. Estas vitórias forçaram, sobretudo, a redefinição da estratégia do imperialismo na Ásia, África e América Latina.

Com profunda emoção saudamos a presença destes novos regimes no nosso seio. Eles representam a luta final dos seus povos pela liberdade, pela dignidade humana, esmagadas por tiranias ao serviço de interesses egoístas e estrangeiros.

Devemos, todavia, afirmar que é com indignação que constatamos permanecer vazia a cadeira do Estado do Kampuchea. A República Popular de Kampuchea, o seu Conselho Popular Revolucionário, representam a realidade do combate e da verdade do Povo heróico do Kampuchea. A República Popular de Kampuchea que em condições ainda trágicas cicatriza as feridas infligidas por uma tirania demente e belicista exprime os novos ideais de paz e progresso.

Por que é que está vazia esta cadeira? Dizem que não há consenso entre nós sobre quem representa o Povo e o Governo do Kampuchea. Mas, então, se não há consenso, devemos perguntar a cada um se estamos ou não de acordo em condenar o massacre de homens, mulheres e crianças? Estamos ou não de acordo em apoiar a justa luta dos povos contra a tirania e o genocídio? Foi massacre de homens, mulheres e crianças, foi a demência de uma tirania — que todos reconhecem, incluindo os que defendem Pol Pot — o que caracterizou a chamada República Democrática do Kampuchea.

Na história recente da humanidade só na racionalidade fria e sistemática da Alemanha nazi, encontramos um paralelo igualmente sinistro, Pol Pot classificava as populações para serem eliminadas. Então perguntamos: por que é que alguns defendem Pol Pot? Defender Pol Pot na zona de África significa defender Idi Amin. Defender Pol Pot em África significa defender o Macias da Guiné Equatorial. Alegam a defesa do princípio de não

ingerência. O que é ingerência? Vejamos, Senhor Presidente: Os colonialistas portugueses e seus mentores acusavam a Tanzania, acusavam a Zâmbia, acusavam a África inteira, os países socialistas em particular, os países nórdicos, de ingerência nos seus assuntos internos e nas suas colónias. Os somozistas, e os seus mentores, acusam a Costa Rica, o Panamá e a América Latina livre de ingerência. Lon Nol, e os americanos, acusaram o Vietname e países socialistas de ingerência no Kampuchea. Idi Amin acusou a Tanzania de ingerência. Marrocos acusa a África e os Países Não-Alinhados de ingerência no Sahara, tal como a Indonésia em Timor-Leste. Os participantes de Camp David acusam a Palestina, os povos árabes e a humanidade de ingerência. É um caso entre o Egipto e Israel. A África do Sul acusa Angola e as Nações Unidas de ingerência na Namíbia. Ian Smith e os seus patrões a todos nos acusam de ingerência, especialmente a nós vítimas de agressão.

Será ingerência para nós, será que o cumprimento do dever de solidariedade é ingerência? Será ingerência o apoio à luta contra o imperialismo? Será ingerência o apoio à luta contra o colonialismo, contra o racismo, contra o apartheid»? Será ingerência dos Países Não-Alinhados, o apoio activo na luta contra o sionismo? Será ingerência o apoio à luta antifascista, o apoio à luta dos povos contra o genocídio de que são vítimas? Não joguemos com palavras. Sejamos claros e honestos sobre o que é a ingerência. Jogar com palavras é caminhar decididamente para o oportunismo e cair na traição.

Respeitemos a vontade dos povos e façamos avançar a sua luta, a liberdade, a paz, a História. Queremos aqui, publicamente, afirmar a grande estima e reconhecimento do Povo Moçambicano ao Povo Vietnamita. O Povo Vietnamita na época actual deu a maior contribuição à luta de libertação nacio-

nal e, para nós, significa à Humanidade inteira. Os laços fraternais de cooperação, amizade e paz que se forjam entre o novo Kampuchea, o novo Laos e o novo Vietname, constituem uma mensagem de esperança sobre a paz e progresso na Ásia.

Importa apoiar e felicitar os esforços da República Socialista do Vietname em encontrar no diálogo a solução do conflito existente com a República Popular da China. Pensamos que devem resolver o conflito existente e restabelecer a fraternidade entre os dois Povos. As guerras de agressão e punição só servem os interesses imperialistas. A fraternidade, tantas vezes selada pelo sangue, deve ser restaurada para benefício de todos nós.

Ao mencionarmos a Ásia reafirmamos o nosso apoio à justa luta do Povo da República Popular Democrática da Coreia pela defesa das conquistas populares, pela reunificação pacífica da Pátria, pela expulsão das tropas de ocupação que constituem uma ameaça à paz e segurança na zona e no mundo.

DEFINIÇÃO E PAPEL DO NÃO-ALINHAMENTO

Excelências,
Senhor Presidente:

Repetindo o que já afirmámos durante a Reunião Extraordinária do «Bureau» de Coordenação em Maputo, na personalidade e no significado da vida nos fundadores da ideia do Não-Alinhamento encontramos a razão de ser da nossa existência e as linhas mestras da nossa acção.

No Marechal Tito, que respeitosamente saudamos, encontramos o antigo guerrilheiro antifascista, o eminente dirigente do combate contra a bestialidade nazi, o unificador dos povos da Jugoslávia, o combatente na luta contra o colonialismo, pela independência dos povos e pela paz.

Na inesquecível figura de Gamal Abdel Nasser, encontramos a determinação do Povo árabe em recuperar a sua dignidade. Ele foi o militante confiante na vitória. Ele nunca se curvou perante o imperialismo e o sionismo, sempre recusou capitulações. No seio dos países em desenvolvimento de uma maneira conseqüente empreendeu a batalha pela recuperação do direito dos povos sobre os seus recursos naturais.

A nacionalização do Canal do Suez permanecerá como um dos marcos fundamentais da luta dos povos pela emancipação económica. Nasser viveu a causa do movimento de libertação. Esteve com a Palestina, esteve com a Argélia em combate pela independência, com o então Congo despedaçado pelas intrigas do imperialismo, foi companheiro de armas de Angola, da Guiné-Bissau, de Moçambique, do Vietname, etc.

Com Kwame Nkrumah iniciou-se uma nova etapa na luta de libertação do Continente africano. Foi ele o primeiro Chefe de Estado que apreendeu em África a essência do neocolonialismo. Ele soube assumir o combate contra o imperialismo. Compreendeu que a independência do Ghana permaneceria frágil e incompleta sem a libertação do Continente africano, sem a unidade da África.

Em Nehru, encontramos o combatente anticolonialista. O homem que apesar das prisões e perseguições se manteve firme, exigindo a independência nacional. Foi uma das vozes que defendeu a paz, uma das forças que intransigentemente se opôs à integração da sua Pátria na esfera de dominação imperialista. Ele combateu sempre para que o seu povo não servisse de instrumento ao cerco que se queria impor ao campo socialista.

Recordamos aqui a memória de Sukarno. De armas na mão, batendo-se pela liberdade e unidade da Pátria, opondo-se à demência da guerra fria, combatendo o colonialismo e expansionismo, defen-

deu a aliança com todas as forças progressistas de maneira a promover a verdadeira emancipação do seu Povo. Ele preconizou sempre que o Não-Alinhamento em relação aos blocos não se podia traduzir em não engajamento na luta anti-imperialista. Foi firme na definição do imperialismo como inimigo permanente e principal do Não-Alinhamento.

Numa época mais recente, presidindo o nosso Movimento tivemos o militante da causa da independência e unidade da África e dos Países árabes, o combatente consequente contra o imperialismo, o racismo e o sionismo, o lutador por uma Nova Ordem Económica Internacional que corresponda aos interesses dos povos, que foi o nosso companheiro, o Presidente Houari Boumediene.

Falar destas personalidades é sublinhar os traços fundamentais que caracterizam o nosso Movimento e a ideia do Não-Alinhamento.

É afirmar o Não-Alinhamento como estratégia específica dos nossos povos para garantir a independência e a paz, face à guerra fria imposta pelo imperialismo.

É afirmar o Não-Alinhamento como estratégia anti-imperialista para a libertação total dos nossos povos. É afirmar o Não-Alinhamento como defesa dos interesses dos nossos povos. É recusar que as metrópoles imperialistas continuem a considerar povos e continentes como suas zonas de influência, suas reservas em matéria-prima e em mão-de-obra escrava, fonte de recrutamento de novos cérebros.

Importa salientar estes traços fundamentais porque o imperialismo directamente ou através de porta-vozes no nosso Movimento procura diluir e confundir as realidades numa tentativa de transformar o Não-Alinhamento em posição equidistante entre o imperialismo e a luta anti-imperialista — numa terceira força, rival dos blocos. Diluir e confundir, tentar convencer-nos de que o inimigo do Não-Alinhamento é a rivalidade entre certos países,

e que finalmente, o imperialismo não é o nosso inimigo permanente.

A definição do inimigo e do aliado surge da definição do que somos e do que queremos. É a propósito destas definições que alguns no nosso seio pretendem que há uma ideologização dos países Não-Alinhados. Sim, há uma ideologia. É essa ideologia que nos une aqui. E qual é? Desde a sua fundação que o nosso Movimento teve uma ideologia que, sucessivamente, durante cinco cimeiras se foi enriquecendo. Ao evocarmos há pouco a personalidade dos nossos fundadores sublinhamos precisamente os traços fundamentais da ideologia dos países Não-Alinhados. Essa ideologia, aí é que está o nosso problema, assenta nos interesses dos povos e na luta contra a exploração do Homem pelo Homem. É essa a nossa ideologia. Ela é, nossa ideologia, anti-imperialista, anticolonialista, antineocolonialista, anti-racista, anti-«apartheid». É essa a nossa ideologia. A nossa ideologia é antifascista. Ela é contra as ditaduras e tiranias, ela é instrumento de libertação política económica, social e cultural dos nossos povos.

A luta consequente de libertação é, obrigatoriamente, anti-imperialista. É normal então, que o nosso inimigo se oponha à nossa ideologia e ao seu desenvolvimento. É justo e é correcto que o inimigo se oponha. É normal, então que o nosso inimigo procure dividir-nos, afirmando que a ideologia do Movimento é uma coisa recente, é uma coisa má. Pretende ser nosso professor. Desde quando os antigos colonialistas defendem a nossa libertação? Desde quando o imperialismo, que nos oprime e pilha, pode indicar as vias que levam à emancipação política, económica e social? Desde quando?

Rejeitemos esses conselhos do inimigo. Sejam nós mesmos a criar o nosso futuro. Recusemos ser porta-vozes do inimigo.

Os nossos povos confrontam-se com o colonialismo, o neocolonialismo, com o racismo, com o «apartheid», com o sionismo. Os nossos países são objecto de pilhagem das suas riquezas. Os nossos trabalhadores vêem-se brutalmente despojados do produto do seu trabalho.

Estas, senhor Presidente, são as realidades quotidianas que vivemos. A elas se acrescentam os bloqueios, as ocupações de territórios, as intimidações militares, as acções de desestabilização, as agressões abertas.

Estes crimes não resultam de rivalidades entre superpotências. Estes crimes não são produto da confrontação entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia.

O colonialismo, o racismo, o «apartheid», o sionismo, o imperialismo, a pilhagem dos nossos países, a ocupação de partes dos nossos territórios, a agressão contra os nossos povos, de muito antecedem o aparecimento de países socialistas.

É precisamente com o aparecimento de países socialistas que se modifica a nosso favor a correlação de forças. Este é um facto histórico incontestável. O imperialismo não mais conseguiu concentrar a totalidade da sua força contra nós. Os nossos povos passaram a dispor de armas para neutralizar e derrotar as agressões armadas de que eram vítimas. Os nossos povos passaram a dispor de alternativas tecnológicas e económicas para superar os bloqueios e acções de desestabilização.

Os países socialistas, são aliados naturais dos nossos povos. Não deve haver confusões. Países socialistas constituem uma retaguarda segura para o triunfo da nossa luta de libertação (experiência de Moçambique). Não recebíamos armas nenhuma do imperialismo, para a defesa da nossa independência económica — alicerces sobre os quais surge o Não-Alinhamento.

Fazemos esta análise como País Não-Alinhado

que conhece e vive a realidade da História. Fazemos esta afirmação como País diariamente agredido. Fazemos esta afirmação como País que é retaguarda segura da luta de libertação. Fazemos esta afirmação porque o socialismo que construímos na nossa Pátria torna possível que a República Popular de Moçambique recupere os seus recursos naturais, se desenvolva e cumpra o seu dever internacionalista.

Excelências,
Senhor Presidente:

No nosso seio a luta anticolonialista é uma constante. Todavia, nos últimos anos, constatámos que certos países membros apresentaram-se como herdeiros do expansionismo colonial. As agressões de que são vítimas a República Democrática de Timor-Leste, a República Árabe Democrática do Sahara, são exemplos flagrantes desta realidade. Temos vergonha de discutir, porque alguns de nós já se transformaram em colonialistas.

Saudamos a coragem política da República Islâmica da Mauritânia que, com honra e dignidade, restabeleceu a paz e a amizade com o Povo do Sahara. Este exemplo deve inspirar aqueles que ainda recusam reconhecer e aceitar a realidade nacional dos povos sahariano e maubere.

Quando entre nós há manifestações de colonialismo e expansionismo é evidente que teremos dificuldades em definir estes males como inimigos a combater. É evidente que aqueles que persistem em acções colonialistas e expansionistas têm de recorrer à aliança aberta ou camuflada com o imperialismo traíndo assim os grandes princípios do Não-Alinhamento. Do mesmo modo, se no nosso seio surgem, compromissos com o regimes racistas e sionistas, se surgem traições como a de Camp David, então, de uma maneira ou doutra alguns de nós transformar-se-ão em porta-vozes daquilo que

combatemos. Tornar-se-ão aliados objectivos do inimigo, advogarão continuamente capitulações disfarçadas em compromissos.

Não apreciam as vitórias do nosso Movimento. Receiam que alcance novas vitórias e acabam por trair.

Excelências,

Ontem, quando o nosso companheiro Fidel fez um discurso magistral, profundo, analítico, dinâmico, cheio de vida, houve depois tentativa de querer diluir o discurso, de querer criar confusões para passarmos a discutir o discurso de Fidel Castro, se é correcto ou não é correcto. Nós conhecemos essas manobras. É a tática do inimigo, uma tática velha. Felizmente, essas tentativas foram rechaçadas. Felicitamos os participantes, os intervenientes de ontem.

Ontem, depois do discurso, ouvimos estupefactos, chamar coragem à ida a Jerusalém. Mas esta é a coragem do suicida, que caminha para o túmulo. E quando esse suicida arrasta atrás de si todo um Povo é já um genocídio.

Ouvimos chamar combate e luta, quando se entregam as armas e os princípios ao inimigo. Mas isso é lutar, é combater contra a luta dos povos. É render-se. Em última análise, é capitular. É esta coragem, esta capitulação e traição dos direitos do Povo Palestino e dos princípios que guiam os Não-Alinhados que pretendem, repetimos, que pretendem que nós baptizemos. Querem o baptismo, nesta sala. Não satisfeitos com a traição querem, não só querem, exigem o nosso aplauso.

Nós cortámos relações com Israel, a pedido do Egipto. Muitos países africanos aqui cortaram relações com Israel, a favor do Egipto, porque disseram que Israel é o inimigo permanente dos povos árabes. Hoje vêm dizer que não, já não é.

Querem que substituamos a solidariedade para

com a luta dos povos pela cumplicidade com as maquinações que traem essa luta. Querem que os Não-Alinhados passem a alinhar com a agressão, com o invasor, o ocupante genocida. Em suma, com o sionismo, contra o direito do Povo Palestino e dos árabes em geral.

Excelências,

Na História da Humanidade, inúmeras têm sido as traições, mas dificilmente encontraríamos paralelo quando vemos o capitulacionista, o traidor dos nossos princípios, vir aqui defender a público, perante tão augusta assembleia que por causa do seu vergonhoso acto, a traição já não é traição, a capitulação já não é capitulação, o inimigo já não é inimigo. Só falta propor que Israel seja admitido como membro dos Países Não-Alinhados.

Recebem armas do inimigo. Recebem o apoio de Moshe para quê? Disseram aqui, nesta sala, que essas armas são para apoiar o movimento de libertação. Meu irmão Arafat esteve aqui a falar e não agradeceu o apoio de Israel. Sabemos que, até agora, nem a Frente Patriótica, nem a SWAPO da Namíbia, nem o ANC da África do Sul receberam essas armas. Agora, quais são esses movimentos de libertação? Mas vemos armas iguais nas mãos dos carrascos de Salisbúria e Pretória, que as utilizam com o apoio directo de Israel.

Nós em Moçambique abatemos, até já dois pilotos de Israel, pilotos militares ao serviço da Rodésia. E nós pensávamos que estávamos a contribuir para a causa dos povos árabes. Sabemos que essas armas vão ser enviadas para o Sahara. Ao lado de quem? Para combater a Frente POLISARIO, movimento de libertação que luta pelo direito à autodeterminação e independência, reconhecido pela OUA, pela ONU e pelos Países Não-Alinhados.

As armas não estão a reforçar a OLP, antes

pelo contrário. As armas não estão a defender o Líbano. Para que servem as armas então? A resposta eu deixo para a assembleia.

Desde a sua criação, o Movimento dos Países Não-Alinhados sempre tomou uma posição clara quanto à questão da Palestina e do Médio Oriente. A solução do problema não pode ser encontrada sem o exercício do direito à autodeterminação e independência do Povo Palestino e a recuperação de todos os territórios árabes ocupados por Israel desde 1967.

Porque sempre respeitámos o direito dos povos a decidirem livremente do seu destino, recusamos, firmemente, que alguém negocie em nome de um Povo, sem o seu consentimento. A OLP é membro de pleno direito do nosso Movimento. Nela reconhecemos o único e legítimo representante do Povo Palestino. Entendemos, portanto que nenhum acordo sobre a Palestina poderá ser apoiado por nós sem que seja assinado ou ratificado pela OLP.

ÁFRICA AUSTRAL

Excelências,

A reunião de Maputo assumiu um carácter especial enquanto primeira sessão extraordinária do Bureau, enquanto primeira sessão consagrada exclusivamente a um tema — a libertação dos Povos da África Austral. Esta foi uma sessão que demonstrou que, entre nós, independentemente dos sistemas políticos e sociais, independentemente dos continentes, todos estamos unidos na luta contra o racismo, o «apartheid», o colonialismo. A unanimidade demonstrada em Maputo testemunha a viabilidade e a potencialidade imensa dos Países Não-Alinhados.

A luta de libertação na África Austral atinge uma fase crucial que exige a nossa solidariedade para com o Movimento de Libertação Nacional e

uma compreensão total da evolução dos acontecimentos. Meu camarada e amigo, companheiro, soube apresentar de uma maneira brilhante o que foi a Conferência da Commonwealth, em Lusaka, o companheiro Michael Manley. Por isso, faço das palavras do companheiro Manley minhas.

Tem sido estratégia do imperialismo na nossa zona alternar continuamente soluções internas e soluções internacionais. Umas e outras sucedem-se num círculo vicioso. O objectivo é preservar por todos os meios o Zimbabwe e a Namíbia como Estados satélites da África do Sul, zonas de influência imperialista, plataformas de agressão contra os Estados vizinhos independentes.

Os regimes de Pretória e Salisbúria contrariam frontalmente as decisões do Conselho de Segurança e as resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas. Com a cumplicidade mais ou menos táctica dos seus patrões ocidentais organizam farsas eleitorais, instalam executivos fantoches, diferentes dos anteriores apenas na coloração da pele, o que em nada modifica o carácter colonial, o carácter ilegal, racista e criminoso destes regimes. As agressões contra os Estados soberanos limítrofes, membros do Movimento dos Países Não-Alinhados, prosseguem e até mesmo se intensificam. Os massacres contra as populações indefesas, as prisões arbitrárias, os enforcamentos, os assassinatos aumentam constantemente.

O nosso Movimento deve ter uma posição clara. É verdade que se tornou rotineira a leitura em pequenas notícias, dos massacres contra os nossos povos. O que se passa em Soweto, em Mapai, em Nyazónia, em Cassinga, na Zâmbia, no Botswana, é rotina. Os massacres em Timor-Leste e no Sahara são rotina. A expoliação da população palestina, os ataques contra o Líbano, são rotina. As chacinas do Xá (e que disse ontem o companheiro Fidel que o «Xá» já não é «Xá»), o antigo

Xá Reza Pahlevi, de Somoza na Nicarágua, de Idi Amin no Uganda, de Macias na Guiné Equatorial, de Pol Pot no Kampuchea, de Pinochet no Chile, são rotina.

As crianças, quando assassinadas pelas balas fascistas e imperialistas, não são crianças, são apenas números. As mulheres esventradas, os velhos massacrados, os homens torturados e assassinados, são ocorrências estatísticas banais nos noticiários. Todavia, quando os assassinos e massacradores dos povos são julgados, condenados e executados, são notícia de 1.ª página.

Assim se emociona o mundo pelos primeiros-ministros e generais executados no Irão. Assim se comove a opinião pública sobre os Chefes de Estado e generais fuzilados no Ghana. Assim se informa o Mundo da violação dos direitos humanos em Moçambique quando os mercenários são julgados e são executados. Assim se publicavam editoriais em jornais muito respeitáveis sobre a perspectiva de execuções na Nicarágua.

Nós recusamos este tipo de mistificação. Nós acusamos os autores de crimes contra os povos. A comunidade internacional, os Países Não-Alinhados, condenam os traidores, os massacradores, os renegados, os mercenários.

A Declaração de Maputo da Sessão Extraordinária do nosso «Bureau», as decisões da XVI Cimeira da OUA em Monróvia, impõem a condenação das soluções internas. A intensificação da luta armada de libertação nacional no Zimbabwe, sob a direcção da Frente Patriótica, a identificação das largas massas com os seus movimentos de libertação neutralizam as farsas eleitorais.

Face a esta situação de derrotas crescentes no plano interno e isolamento no plano internacional, de novo se volta a preconizar a alternativa da solução internacional, de novo se reconhece a necessidade de negociar.

A abertura do processo de negociações é uma conquista da luta armada, é uma vitória nossa. Quando nós dizemos vitória nossa significa vitória dos Países Não-Alinhados.

Devemos contudo, ao saudar a convocação de uma conferência sobre o Zimbabwe com a participação de todas as partes, reafirmar que apoiaremos a luta armada de libertação nacional enquanto ela não atingir os seus objectivos. E quais são? O reconhecimento e o exercício do direito dos povos à independência total e completa.

Esta vitória é também produto do apoio firme do nosso Movimento à luta armada de libertação nacional. É nosso dever consolidar esta vitória, mantendo a máxima vigilância, denunciando todas as tentativas de utilizar as negociações para o objectivo táctico de ganhar tempo. Nessas negociações, os Países Não-Alinhados, consequentes com a luta anticolonialista e anti-racista, são parte interessada. Os Países Não-Alinhados devem unir-se contra as potências coloniais e racistas e é contra elas que devem exercer a sua pressão unida e organizada em favor da Frente Patriótica, da SWAPO, únicos e legítimos representantes dos seus povos respectivos e membros plenos do nosso Movimento.

Excelências,

Falamos da Namíbia e do Zimbabwe é falarmos da África do Sul. A solução definitiva do problema da África Austral não pode ser alcançada sem a eliminação total do «apartheid». A África do Sul é o centro estratégico do imperialismo para a dominação da África Austral e de toda a África em geral. É por isso que, se há luta na Namíbia e no Zimbabwe, ela é ainda mais dura na África do Sul.

Todos os esforços do imperialismo destinam-se a proteger este seu destacamento operacional

avançado. O que é a África do Sul senão um somatório dos grandes interesses económicos da América do Norte, da Grã-Bretanha, da Alemanha Federal, da França, de Israel e de outros seus aliados? A força militar da África do Sul, que inclui o desenvolvimento da força nuclear, reside na ajuda destes mesmos países.

Aí vive uma população de mais de 28 milhões, mas desses 28 milhões apenas os 4 milhões de brancos são considerados pessoas. Apenas os 4 milhões de «boers» são sul-africanos. Os restantes são negros, são bantus, não são pessoas e muito menos sul-africanos, são estrangeiros na sua própria Pátria.

É preciso libertar a África do Sul. É preciso que a África do Sul seja, finalmente, a Pátria de todos os sul-africanos. E isto só será possível quando as crianças negras e brancas forem simplesmente crianças. Esta será a vitória do ANC, será a vitória dos Não-Alinhados, será a vitória de toda a Humanidade contra o «apartheid» e contra o imperialismo, responsável moral e material da existência deste sistema desumano.

Nós, os Não-Alinhados, devemos reafirmar aqui a determinação que tomámos na Reunião de Maputo e apoiar resolutamente e com acções concretas a libertação do Povo sul-africano.

OCEANO ÍNDICO

Excelências,

A transformação do Oceano Índico em Zona de Paz e desnuclearizada, é uma das aspirações do nosso Movimento, reconhecida pela OUA e pelas Nações Unidas.

A presença das bases militares imperialistas no Canal de Moçambique, em Diego Garcia, Ilha Mayotte, Reunião e outras, e a intensificação da

militarização e nuclearização do Oceano Indico são um desafio às decisões da Comunidade Internacional e constituem uma ameaça constante à soberania e à integridade territorial dos países da região. A decisão de criar uma 5.^a Frota norte-americana, especialmente para o Oceano Indico, vem agravar esta situação.

O estabelecimento de zonas desmilitarizadas e desnuclearizadas constitui um passo muito importante com vista ao desarmamento geral e completo e para que o desanuviamento se transforme numa tendência generalizada nas relações internacionais.

Ao saudarmos a assinatura do Tratado de Limitação de Armas Estratégicas SALT II, recordamos que está ainda longe a eliminação total da corrida aos armamentos, nomeadamente a liquidação da corrida pela criação de novas armas de extermínio de massas de que a bomba de neutrões constitui um recente exemplo. Com grave apreensão, neste quadro somos obrigados a denunciar a cumplicidade activa do imperialismo na nuclearização dos regimes belicistas da Pretória e Telavive.

O nosso Movimento deve desenvolver os seus esforços pela realização de uma Conferência Mundial sobre o Desarmamento que elimine o equilíbrio do terror e crie condições para o estabelecimento duma verdadeira paz e segurança internacionais.

LIBERTAÇÃO ECONÓMICA

Excelências,

A miséria, a fome, a nudez, a doença, o analfabetismo, são males que assolam ainda a esmagadora maioria dos nossos povos.

No solo e no subsolo dos nossos Países, nas águas dos nossos rios e oceanos existem potenciais tremendos de riquezas capazes de criarem a prosperidade dos nossos povos, contribuindo para o progresso da Humanidade.

A riqueza dos fundos oceânicos, justamente declarada património comum da Humanidade pelas Nações Unidas, constitui um dos principais alvos do assalto do imperialismo. Assistimos hoje à multiplicação de manobras tendentes a subverter os verdadeiros objectivos da descolonização dos mares.

A solução correcta das várias questões relativas ao Direito do Mar é, em nosso entender, condição fundamental para a construção da Nova Ordem Económica Internacional. Só a unidade dos países em vias de desenvolvimento é que poderá salvar guardar os interesses da Humanidade contra a cobiça insaciável das transnacionais e do imperialismo.

A Zona Económica Exclusiva é já uma conquista dos países em desenvolvimento porque ela defende os nossos recursos marinhos. A consagração da Zona Económica Exclusiva é do interesse de todos os países em desenvolvimento e não apenas dos países costeiros. É na sua consolidação que encontramos um dos meios para desenvolver a necessária complementariedade económica entre os nossos países detentores de diferentes recursos naturais. É na sua afirmação como zona de soberania económica que melhor nos defendemos contra a pilhagem dos recursos naturais nela existentes. Pelo contrário, a ambiguidade na definição de Zona Económica Exclusiva só pode servir o imperialismo.

O imperialismo apodera-se dos nossos minerais e deixa-nos os buracos; explora as nossas florestas e nós ficamos com a terra nua e erodida; explora a nossa mão-de-obra, alicia, compra e suborna quadros e dirigentes, impede o nosso progresso e sujeita-nos à dependência. O imperialismo reserva para nós as indústrias marginais e poluidoras, as pequenas e médias indústrias que lhe poderão gerar lucros fáceis e imediatos à custa da exploração da nossa mão-de-obra.

É neste quadro que se inscrevem os fracassos que têm caracterizado as negociações internacionais tendentes a reestruturar a economia mundial.

Não nos surpreende o fracasso do chamado diálogo Norte-Sul. Não nos surpreende a incapacidade de se tomarem decisões concretas e eficazes sobre a maioria das questões fundamentais para a instauração da Nova Ordem Económica Internacional, recentemente abordadas na V UNCTAD. É normal que assim seja. O imperialismo não concorda com a nossa emancipação económica.

A luta por uma Nova Ordem Económica Internacional não pode ignorar as violências e sujeições impostas às nossas economias e as manobras do imperialismo para as perpetuar. A luta por uma Nova Ordem Económica Internacional tem de integrar o direito de utilizar em nosso benefício os recursos humanos e materiais dos nossos países. Neste sentido, assume particular relevância a necessidade de revalorizar as matérias-primas essenciais ao nosso desenvolvimento. As recentes decisões de criar forças militares destinadas a intervir contra os países que recuperam os seus recursos naturais demonstram a arrogância do imperialismo de prosseguir com a política de canhoneira e regressa às formas clássicas do pacto colonial. Isto constitui uma ameaça à paz e segurança internacionais.

A actuação dos países exportadores de petróleo é um exemplo significativo de como a unidade pode impor os nossos interesses aos países capitalistas desenvolvidos. Unidade entre produtores de petróleo.

Em nossa opinião a revalorização dos preços do petróleo é uma medida legítima da defesa e controlo dos recursos dos países produtores.

Contudo não podemos deixar de afirmar que neste processo, são os países em desenvolvimento não produtores de petróleo quem sofre imediata-

mente as mais graves repercussões. Eles tornam-se importadores da inflação e das distorções geradas pela irracionalidade da política económica dos países capitalistas desenvolvidos. Neste momento, ultrapassar a contradição existente exige que os recursos financeiros dos países produtores de petróleo se combinem com os outros recursos naturais e tecnológicos dos países não produtores de petróleo para promover o desenvolvimento mútuo. Os recursos financeiros não devem servir para reforçar aqueles que estão a pilhar e que agora nos ameaçam até de agressão. A força política que é o Não-Alinhamento deve materializar-se também ao nível económico. Esta é uma questão de princípio, é uma das principais pedras de toque da nossa solidariedade.

Na unidade e na coordenação dos nossos esforços devemos encontrar em conjunto formas práticas e imediatas de cooperação para superar esta contradição. Não devemos permitir que o petróleo possa ser utilizado pelo imperialismo como factor de divisão entre nós.

Do mesmo modo consideramos urgente a entrada em funcionamento do Fundo Comum, como instrumento fundamental para o cumprimento dos objectivos traçados no âmbito do Programa Integrado para os produtos de base. Assim alcançaremos importantes avanços na estabilização dos preços dos nossos produtos contra as barreiras proteccionistas cada vez mais cerradas impostas pelos países capitalistas industrializados.

A experiência prática demonstra, por outro lado, que alguns dos organismos financeiros internacionais são controlados e servem fundamentalmente os interesses das antigas metrópoles coloniais e as suas transnacionais. O relacionamento de muitos de nós com tais organismos pouco tem beneficiado o nosso desenvolvimento real, contribuindo para aumentar os fabulosos lucros das transnacio-

nais e impondo limites à soberania nacional, violando o direito dos povos a desenvolver-se na via política e económica livremente escolhida por eles.

Torna-se, portanto, imperioso que criemos entre nós organismos de cooperação económica que promovam a complementariedade das nossas economias, que fomentem o comércio, a indústria, a agricultura e a cooperação financeira, tecnológica e organizativa e promovam uma justa distribuição internacional do trabalho entre os nossos países.

Ao fazermos um balanço às duas Décadas de Desenvolvimento e às metas estabelecidas em Colombo, constatamos que foram bem modestos os progressos alcançados no domínio do desenvolvimento económico. Pequenos têm sido os sucessos obtidos, mas eles não deixam de ser significativos, pois sempre resultaram da unidade que soubemos imprimir à nossa acção.

O desenvolvimento e a cooperação económica entre os nossos países membros do Movimento e outros países em desenvolvimento exige uma vontade política firme e o engajamento de todos nós.

Reafirmamos a nossa convicção de que o sistema das Nações Unidas é o fórum mais apropriado para a realização de negociações conducentes a relações económicas internacionais justas.

A 3.^a Década Internacional do Desenvolvimento deve ser a Década da eliminação total do colonialismo, do racismo, do «apartheid» e do sionismo. A Década da consolidação da nossa Independência política, a Década da vitória da batalha pela Independência económica.

Na realização das imensas tarefas que aqui estamos a debater cabe uma responsabilidade particular ao nosso «Bureau» e especialmente ao seu Presidente. Manter a operacionalidade e a flexibilidade do «Bureau» requer que, como no passado, ele permaneça um órgão restrito e representativo, capaz de se reunir e decidir com a rapidez imposta

pelas situações que surgirão. O alargamento inútil de órgãos, por muito que beneficie interesses particulares, reduz significativamente a eficácia e a flexibilidade.

A nomeação de Vice-Presidentes regionais seria antidemocrática e prejudicaria a continuidade da coordenação dos trabalhos do nosso Movimento.

A confiança entre nós deu até hoje aos nossos presidentes a possibilidade de nos representarem correctamente. Esta é uma conquista do nosso Movimento que devemos defender e valorizar.

LIBERTAÇÃO SOCIAL E CULTURAL

Excelências,

A libertação social e cultural dos nossos países é parte integrante da luta de libertação nacional.

Lutamos para afirmar a nossa personalidade. Lutamos para afirmar a nossa cultura espezinhada, humilhada, negada, transformada em usos e costumes primitivos.

A recuperação das obras de arte pilhadas aos nossos países, a promoção do intercâmbio cultural, científico e técnico, a ajuda mútua no campo da ciência e da tecnologia, devem constituir, a nosso ver, objecto de reflexão do Movimento dos Países Não-Alinhados e, se necessário, conduzir à criação de organismos específicos a exemplo do que já se conseguiu no campo da Informação.

A cooperação entre nós é uma exigência da nossa sobrevivência. Independentemente da heterogeneidade dos sistemas políticos e sociais que representamos, une-nos um passado idêntico de sofrimento e humilhação, um presente semelhante de combate pela recuperação da nossa personalidade, pela libertação das nossas economias, pelo progresso social e cultural e defesa intransigente da paz e da independência nacional. Une-nos neste

Ano Internacional da Criança, a decisão comum de tudo fazermos para que os nossos filhos possam viver definitivamente libertos da escravatura imposta pela fome, pela doença, pela ignorância, pela miséria, pelas guerras de agressão.

Excelências,

Nesta VI Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados, a todos renovamos a nossa saudação fraternal, a todos endereçamos a nossa solidariedade.

A todos queremos solenemente reafirmar que, como no passado, a República Popular de Moçambique cumprirá o seu dever internacionalista de solidariedade para com todos os povos e em especial para com a luta de libertação dos Povos da África Austral.

A realização da VI Cimeira dos Países Não-Alinhados pela primeira vez na América Latina, em Cuba, constitui uma grande vitória do princípio anti-imperialista que nos guia. Realizar esta Cimeira na Pátria de José Martí, aqui onde a vontade de independência e de justiça reacendida na Sierra Maestra, derrubou a tirania despótica dos agentes do imperialismo constitui, senhor Presidente, uma grande vitória.

Realizar a VI Cimeira dos Não-Alinhados em Havana, capital livre de Cuba socialista, é culminar a vitória decisiva sobre as tentativas de bloquear a vontade dos povos. A nossa presença em tão grande número atesta, por si só, esta vitória contra o bloqueio imperialista, o suborno, a chantagem, a corrupção e a intriga.

Depois de tantas ameaças, maquinações, depois de tantas tentativas, pressões, contactos, promessas para impedir a Cimeira em Havana, estamos aqui. É uma vitória. Ela significa o engajamento de cada um dos nossos Países e Povos na luta do

Povo Cubano contra as manobras e agressões do imperialismo. Juntos consagramos o enterro definitivo do bloqueio contra Cuba, consolidamos a unidade dos nossos Povos e do nosso Movimento. Dizemos: não deixemos que o imperialismo nos divida. Não deixemos que o imperialismo faça de nós seu instrumento. Não-Alinhamento significa, em definitivo, todos alinhados na luta contra o imperialismo.

Muito obrigado.

A LUTA CONTINUA!

Tiragem: 10 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 075/INLD/79
Composto e Impresso na Tip. «Notícias» — Maputo
República Popular de Moçambique
Setembro de 1979

1979 ANO DE CONSOLIDAÇÃO DAS NOSSAS CONQUISTAS